

Lyman Tower Sargent por Fátima Vieira

Citação: "Lyman Tower Sargent: Uma vida dedicada à Utopia", *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 2 (2004). ISSN 1645-958X
<<http://www.letras.up.pt/upi/utopiasportuquesas/e-topia/revista.htm>>

Vi-o pela primeira vez numa reunião científica realizada na Universidade de Bolonha, em 1998. Quando ele começou a falar, o colega italiano sentado ao meu lado segredou-me: "Este é Lyman Sargent, o homem que mais sabe de utopismo no mundo". Lyman tem um aspecto robusto, lembrando os pioneiros americanos, com uma barba farta que resvala agora do loiro-arruivado para o cinzento, uns olhos azuis pequenos, uma altura imponente. Todos quantos se encontravam naquela pequena sala, em mesas dispostas formando um quadrado, lhe respeitavam a autoridade, calando-se quando ele falava. Não intervinha sem que lhe perguntassem a opinião. Mas quando falava, coífiando a barba, a voz potente dava vida a um trabalho de muitos anos na área dos Estudos sobre a Utopia.

Encontrámo-nos muitas mais vezes depois dessa reunião. Lyman Sargent veio a Portugal duas vezes, a convite do Departamento de Estudos Anglo-Americanos e do Instituto de Estudos Ingleses da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e é Consultor do projecto financiado pela FCT "Utopias Literárias e Pensamento Utópico: A Cultura Portuguesa e a Tradição Intelectual do Ocidente", onde a revista *E-topia* se encontra sediada. Com o tempo, fomos-lhe conhecendo a generosidade científica, a disponibilidade para partilhar a informação encontrada na pesquisa realizada em bibliotecas um pouco por todo o mundo, e a sua vontade de ajudar os jovens investigadores a prosseguirem os seus estudos no campo do utopismo.

Para Lyman Sargent, o utopismo tornou-se simultaneamente uma causa e a justificação última da sua carreira como docente e investigador na Universidade de St. Louis, no Missouri, E.U.A. Doutorado em Ciências Políticas, Lyman Sargent é autor de livros que se tornaram uma referência incontornável para quem trabalha na área da utopia e da ideologia. Exemplo disso é o volume *Contemporary Political Ideologies*, que foi já objecto de 12 edições, ou ainda *British and American Utopian Literature 1516-1985. An Annotated, Chronological Bibliography* (1988), um trabalho que Sargent considera sempre incompleto e cujas falhas continuamente tenta colmatar com visitas a bibliotecas públicas e privadas. A pesquisa bibliográfica tornou-se aliás para Sargent uma espécie de compulsão. Há anos que trabalha horas a fio em bibliotecas, sobretudo americanas, fazendo de cada descoberta de uma utopia caída no esquecimento um acto de celebração.

O seu trabalho de pesquisa em bibliotecas tem tido consequências importantes para o estabelecimento da tradição literária utópica. A sua bibliografia da literatura utópica britânica e americana traça um retrato vivo dos momentos históricos que mais claramente se configuraram como "utópicos" ou "distópicos", e permite o relacionamento entre obras de um mesmo período ou mesmo de períodos diferentes. Mas a sua pesquisa em bibliotecas neozelandesas é talvez o maior contributo para a desmistificação da ideia de que o utopismo teve expressão significativa apenas nos E.U.A, em Inglaterra, em França e em Itália. Pretendendo testar uma "hipótese de trabalho" (que expõe na entrevista abaixo reproduzida), Sargent passou anos em bibliotecas neozelandesas, desenterrando verdadeiros tesouros e estabelecendo os fundamentos bibliográficos de uma história do utopismo neozelandês. E, atestando a generosidade científica que acima descrevemos, tem vindo a disponibilizar os elementos que entretanto reuniu, abrindo assim o caminho para estudos levados a cabo por outros investigadores.

Da sua extensa obra, salientam-se ainda outros títulos. A publicação, em 1972, de *New Left Thought, British and American Utopian Literature*, a par de numerosos artigos em periódicos de diferentes especialidades (Ciência Política, História, Literatura e Filosofia), marca o início da sua carreira. O trabalho de organização e de edição dos volumes *Extremism in America, Contemporary Political Ideologies: A Reader* (1995), e de *Political Thought in the United States: A Documentary History* (1997), configuram-se como as bases teóricas para a sua explicação do utopismo como o traço mais marcante do pensamento político americano.

A sua actividade docente não se limitou à universidade de St. Louis; Sargent ensinou também em Inglaterra, na Universidade de Exeter e na London School of Economics, bem como na Nova Zelândia, mais precisamente em Wellington, na Victoria University.

Sargent foi também, por mais de uma década, editor do periódico *Utopian Studies* (de que fala aliás nesta entrevista), onde, de uma forma regular, procurou dar eco do desenvolvimento dos Estudos sobre a Utopia em todo o mundo. O seu trabalho como principal impulsionador da Society for Utopian Studies,

que reúne um número considerável de investigadores americanos e canadianos, foi publicamente reconhecido com a atribuição do First Distinguished Scholar Award dessa associação científica.

A nível internacional, o nome de Lyman Sargent firmou-se com a organização (em colaboração com Gregory Claeys) da exposição *Utopie: La Quête de la Société Idéale en Occident / Utopia: The Quest for the Ideal Society in the Western World*, exibida na Biblioteca Nacional de França e na Biblioteca Pública de Nova Iorque, e que marcou sem dúvida a viragem do milénio. Como complemento da exposição, Sargent organizou, também em parceria com Claeys, catálogos em francês e em inglês.

Ao longo da sua carreira como docente e investigador, Lyman Sargent procurou sempre chamar a atenção para a importância do pensamento utópico e para a necessidade de um estudo sistemático dos textos fundamentais que informam esse pensamento. A publicação, em 1999, de *The Utopia Reader* (com Claeys como co-editor), tem-se revelado instrumental para o estabelecimento de um cânone utópico; a prova disso está na ampla utilização do livro em universidades de todo o mundo. Nas respostas dadas às questões que lhe coloquei, no âmbito da entrevista que abaixo é publicada, Sargent começa por dar esclarecimentos sobre essa publicação. A entrevista foi feita em inglês, via e-mail, pelo que o que aqui se reproduz é uma tradução das respostas dadas por Sargent.

The Utopia Reader, a antologia que editou em parceria com Gregory Claeys, é hoje uma referência importante para quem faz investigação na área dos Estudos sobre a Utopia. Foi difícil o processo de escolha dos textos a incluir na antologia?

L. Sargent: A escolha foi difícil por várias razões. Em primeiro lugar, Gregory Claeys e eu tivemos de conciliar as nossas diferenças. Em segundo lugar, para o material do século XX, tivemos de obter autorização dos detentores dos direitos de publicação. Em alguns casos, a aquisição desses direitos implicava custos demasiado elevados; em outros casos, o autor / agente nunca respondeu ao nosso pedido, e tivemos simplesmente de excluir esses textos da antologia. Em terceiro lugar, depois da nossa selecção inicial, o livro era três vezes mais longo do que o havia sido combinado com a editora. A versão final é ligeiramente mais extensa do que a especificada no contrato.

Que textos teve pena de não incluir? E de que forma poderia a inclusão desses textos na antologia ter alterado a percepção da tradição utópica?

L. Sargent: Gostaríamos de ter incluído uma parte mais substancial de *Nineteen Eighty-Four*, bem como um excerto de "When it Changed", de Joanna Russ. A aquisição dos direitos de publicação do texto de Orwell revelou-se demasiado cara; no caso de Russ, não obtivemos resposta nem da autora nem do seu agente. Não tenho a certeza de que a inclusão desses e de outros textos viesse a mudar a percepção do leitor. Contudo, é certo que a publicação de mais excertos do livro de Orwell teria ajudado a clarificar a importância das primeiras distopias; e a eutopia de Russ, sendo de pendor lésbico, teria acrescentado à antologia uma dimensão que nela está ausente e ajudaria a reforçar a importância das eutopias feministas.

A antologia está de alguma forma ligada às exposições que prepararam para Paris e para Nova Iorque? Podemos lê-la como uma espécie de guia para essas exposições?

L. Sargent: Embora tenhamos trabalhado nos dois projectos ao mesmo tempo, nunca houve entre ambos uma ligação consciente, principalmente porque foi dada à exposição de Paris uma ênfase mais visual do que textual.

Nas últimas décadas do século XX e no início do novo milénio, temos vindo a testemunhar um momento de revivalismo dos Estudos sobre a Utopia, em todo o mundo. Tem uma explicação para esse fenómeno?

L. Sargent: Parte da resposta é intelectual e parte é pessoal (em dois sentidos). Creio que esse revivalismo, tanto a nível da literatura utópica como a nível da experimentação em comunidades intencionais, terá, nos chamados Anos Sessenta, chamado a atenção dos académicos, e muitos deles, testemunhando esse fenómeno, começaram a olhar para a história do utopismo. Para além disso, muitos académicos perfilhavam, a nível pessoal, o sentimento da esperança utópica característica do período, e por isso fizeram no tema um investimento tanto pessoal como intelectual. Por fim, um número considerável de pessoas, tanto na Europa como no Norte da América, decidiu investir o seu tempo na construção de um campo de estudos e, mais especificamente, de um campo de estudos internacional.

Devemos pensar o utopismo como uma característica exclusiva da civilização ocidental ou, pelo contrário, como uma característica humana e, conseqüentemente, universal?

L. Sargent: Essa é uma questão que me diz muito. Para mim, o utopismo não é, em sentido absoluto, uma característica exclusiva da civilização ocidental, e creio que a prova, que se torna cada vez mais evidente, é indelével: sabe-se hoje que o utopismo assumiu diferentes formas em culturas não-ocidentais antes mesmo que estas tivessem entrado em contacto com o Ocidente. Hesito em reconhecer no que quer que seja uma característica universal, mas inclino-me para essa ideia no que respeita ao “sonho social”.

Vivemos hoje uma época mais propícia à escrita de romances utópicos ou à expressão de expectativas utópicas (não necessariamente veiculadas em textos literários mas em ensaios, por exemplo?). Por outras palavras, a nossa era tende mais para a fantasia utópica ou para a teoria utópica? Quem poderá explicar melhor o paradigma do nosso tempo, os romancistas ou os teóricos?

L. Sargent: Não tenho a certeza de o saber, mas espero que “ambos” seja a melhor resposta para essa questão. Creio que os romancistas tendem a ser mais criativos do que os teóricos, mas os romancistas nem sempre compreendem aquilo que eles próprios criam.

Tendo sido Director do periódico *Utopian Studies* por mais de uma década, qual é a sua percepção do interesse pelo utopismo, a nível mundial? Pode explicar-nos como começou o periódico a ser publicado, e qual a sua política de publicação?

L. Sargent: Fundei o periódico com o óbvio apoio financeiro da Society for Utopian Studies, e com o também essencial apoio do meu departamento, do Reitor do College of Arts and Sciences, e da Universidade de Missouri – St. Louis. O primeiro número foi publicado em 1990, na sequência do trabalho realizado ao longo de um ano para o estabelecimento de um Advisory Board, a organização de uma base de dados com nomes de referees e gente disposta a fazer recensões de livros, a solicitação de trabalhos originais, o estabelecimento de cartas-tipo pedindo o envio de livros para recensão, etc. Como bibliógrafo, eu tinha a vantagem de, durante longos anos, ter consultado muitas fontes à procura de títulos relevantes; por isso apenas tive de adicionar um passo mais aos meus procedimentos, solicitando exemplares para censeamento. Tenho uma perspectiva lata do que é relevante, e por isso encorajei a submissão de artigos tanto no centro como nas margens do campo de estudo, e solicitei muitos livros que certamente poucos leitores teriam considerado relevantes. Mas, na minha perspectiva, o periódico deveria reflectir todos os interesses relacionados com o campo de estudo da utopia.

O caso da Nova Zelândia é paradigmático do que acontece em outros países? Quando lá iniciou o seu trabalho a verdade estabelecida era a de que não existia uma tradição utópica neozelandesa. O que o motivou a encetar a sua pesquisa? E o que encontrou? Ainda há muito por fazer em outros países?

L. Sargent: Fui para a Nova Zelândia para testar uma hipótese de trabalho. Tinha chegado à conclusão de que as colónias suscitam a produção de utopias por parte do colonizador (e frequentemente de distopias por parte do colonizado), mas quando comecei a analisar a minha bibliografia tendo em conta os países de origem, reparei que a Nova Zelândia estava estranhamente ausente. Achei que isso não fazia sentido, e por isso concorri a uma bolsa para investigar a questão. No meu primeiro dia na Biblioteca Nacional encontrei um artigo sobre a presença do utopismo na literatura neozelandesa que identificava como sendo neozelandeses autores que costumavam ser referidos como britânicos, e que mencionava livros de que eu nunca tinha ouvido falar. Eu havia já estabelecido uma estratégia de pesquisa para as minhas investigações anteriores e resolvi pô-la então em prática, passando seis dias por semana na biblioteca ao longo de quatro meses, e acabei por encontrar um verdadeiro tesouro que era, na sua maior parte, ignorado. Encontrei também uma importante (e ainda mais ignorada) tradição de estabelecimento de comunidades intencionais na Nova Zelândia. Regressei lá logo que pude para continuar a minha investigação, e ainda hoje não a dou por terminada.

Creio que ainda há muito trabalho que necessita de ser realizado. Em primeiro lugar, há muitas colónias onde quase nenhuma investigação foi feita, como é o caso da Índia e da África do Sul. Em segundo lugar, há áreas que estão a ser estudadas mas os resultados não são conhecidos fora desses campos de estudo, e nós precisamos de os conhecer. Por exemplo, sabemos que existem tradições utópicas importantes na maioria (se não em todos) dos países da América do Sul, mas os trabalhos académicos produzidos sobre o tema são praticamente desconhecidos fora desses países. Em terceiro lugar, há países, como a Nova Zelândia, onde a ideia feita é a de que não existem tradições utópicas e que carecem de uma pesquisa sistemática. Portugal, Espanha e Japão são os exemplos mais óbvios, e sabemos hoje que existiram tradições utópicas nesses países, mas precisamos de saber mais.

Voltando ao problema do utopismo não-ocidental, uma questão que me interessa é a seguinte: seríamos capazes de reconhecer o utopismo não-ocidental se o víssemos? Ele poderá ter assumido uma forma inesperada. Na minha perspectiva, uma das comunicações mais interessantes apresentadas ao 5.º Congresso Internacional da Utopian Studies Society, realizado no Porto, foi a de Jacqueline Dutton, que apontou para uma forma de utopismo japonês que eu não havia até então reconhecido como tal.